



Sala de Atos, 10 de novembro 2025

DISCURSO DA PRESIDENTE

Ao celebrarmos os 49 anos do nosso Instituto de Ciências Sociais, fazemos mais do que evocar uma história institucional - **celebramos um compromisso: o compromisso de compreender o humano em todas as suas dimensões e resistir e contrariar, com conhecimento e ética, às forças da desumanização.**

Vivemos num tempo em que a desumanização se tornou estrutural, difusa e, paradoxalmente, normalizada. Nunca estivemos tão conectados, e, no entanto, nunca estivemos tão fragmentados. A tecnologia prometeu proximidade, mas trouxe consigo novas formas de isolamento. Os algoritmos classificam vidas, esvaziando interações e sentidos humanos. A economia prossegue, *ad infinitum*, com a produtividade que expulsa volumes crescentes de humanos, marginalizados e excluídos. Discursos políticos, por sua vez, reduzem o outro a um número, ameaça ou custo, caricaturando a realidade e, muitas das vezes, a realidade é em si intrinsecamente complexa e holística, porque é humana. E, por aqui ficamos, pois são muitos os exemplos de que a **desumanização, longe de ser um vestígio do passado, tornou-se um *modus operandi* sofisticado do presente.**

Desumanizar é transformar o outro em objeto - é negar-lhe a voz, o rosto, a dor. É o que **Hannah Arendt** (1963) denunciou ao analisar os regimes totalitários: a banalidade do mal é possível quando deixamos de ver o outro como um ser humano. Enquanto processo subtil, mas quotidiano, infiltra-se nos discursos, nas políticas, nas tecnologias e até nas indiferenças. **Zygmunt Bauman** (2009) mostrou-nos que, na “modernidade líquida”, as relações tornaram-se frágeis e descartáveis - e que a desumanização, nesse contexto, ganha novas formas: a exclusão silenciosa, o consumo de pessoas como se fossem experiências efémeras; a lógica da eficiência que substitui a da empatia; a performance, a da solidariedade.

Judith Butler (2009) lembra-nos que há vidas “não choráveis” - vidas que não merecem luto porque o discurso hegemónico não as reconhece como plenamente humanas. A desumanização, portanto, não é apenas material; é **discursiva e simbólica**: define-se pelo enquadramento que determina quem pode ser visto, ouvido ou lamentado.



Byung-Chul Han (2010) acrescenta que vivemos não mais sob a coerção externa, mas sob a autocoerção do desempenho do sujeito neoliberal - a violência que leva a explorarmos-nos em nome da produtividade, e a medir a nossa existência em métricas digitais. A desumanização, aqui, é interior: é o esgotamento da alma em nome da produtividade, o cansaço como configuração societal dominante.

Também **Achille Mbembe** (2003), ao desenvolver o conceito de necropolítica, mostra como o poder contemporâneo decide quem pode viver e quem deve morrer - não apenas biologicamente, mas social, económica e simbolicamente. Migrantes, pobres, racializados, periféricos: são vidas tornadas invisíveis, descartáveis, desprovidas de luto. Na sua obra mais recente, *Brutalismo* (2020), **Mbembe** mostra que vivemos sob um regime de exaustão - dos corpos, das relações, do planeta -, em que a violência se tornou infraestrutural. A desumanização, neste contexto, é simultaneamente ecológica, tecnológica e ontológica: afeta não apenas as pessoas, mas a própria ideia de humanidade e de Terra como casa comum.

Perante este cenário, **mais do que compreender, as ciências sociais enfrentam uma tarefa ética e moral: combater a desumanização.** As ciências sociais não podem se limitar à descrição do mundo e aos problemas que o caracterizam. Elas devem imaginar as condições da sua superação. **A esperança torna-se, então, um método de investigação e uma ética da ação.** Neste sentido, a esperança constitui-se numa categoria epistemológica e política por ser sobretudo uma categoria crítica. **Ernst Bloch**, em *O Princípio Esperança* (1954–1959), concebe-a como força ontológica que move o ser humano para o “ainda-não-ser”. É uma energia utópica que transforma a consciência em motor de mudança e emancipação e com o **propósito de re-humanização.**

De **Raymond Williams** (2015) tomamos o **mote inspirador para este momento de encontro, celebração e reflexão.** Para quem soube analisar/compreender, de forma inigualável, como os dispositivos políticos e económicos de dominação impregnam a cultura da vida de todos os dias para produzirem o alheamento das consciências e paralisarem as lutas sociais, **a esperança nunca foi um luxo, mas a primeira das necessidades.**

Por isso, por entre os processos de desumanização, surgem sempre recursos de esperança, engenhosas formas orgânicas de lutar pela dignidade humana e por horizontes de transformação social. Como dizia, “ser verdadeiramente radical é tornar a esperança possível, em vez de tornar o desespero convincente”.



Neste aniversário, a presença de Richard Zimler confere uma dimensão simbólica profunda à nossa celebração. A sua obra literária é uma forma de re-humanização pela narrativa - um exercício de resgate da dignidade das vidas esquecidas e de denúncia da violência do esquecimento. Zimler recorda-nos que a literatura e as ciências sociais partilham uma missão comum: restituir humanidade através da escuta e da palavra.

A sua presença no ICS é, portanto, uma celebração do poder da narrativa como gesto de esperança - uma ponte entre o saber científico e o imaginário ético.

Permitam-me, por isso, associar esta celebração de aniversário do ICS à celebração da esperança na relevância do saber, mas sobretudo, na identificação de recursos de esperança. Estes não são abstratos, já que habitam nas pessoas, nos gestos e nos sentidos que fazem parte da comunidade ICS da UMinho.

Desde a nossa tomada de posse, a 8 de maio, assumimos o programa “Mais ICS, Melhor Futuro” - um projeto de esperança crítica, inspirado nas ciências sociais e ancorado nas pessoas que dão corpo ao ICS. O nosso programa de ação assenta em três pilares transversais que são também três modos de esperança como recursos a acionar.

O primeiro pilar — Reconhecimento, protagonismo e identidade — é o recurso da memória e da projeção.

A criação da **Comissão dos 50 anos do ICS e a preparação das Comemorações do cinquentenário**, que irá ter lugar a partir de nov. 2026, inscreve-nos neste desígnio coletivo de consciência da nossa história e imprime-nos o entusiasmo pelo futuro. A este propósito, uma palavra de estima pessoal e, sobretudo de gratidão, à **Prof.ª Teresa Ruão** que aceitou, desde o primeiro momento, assumir a coordenação das atividades de comemoração dos 50 anos do ICS.

O segundo pilar - A “Casa ICS”: das infraestruturas a uma cultura colaborativa – centra-se na proximidade e no cuidado. Cuidar da “Casa” é cuidar dos laços que nos unem - e esses laços são o primeiro antídoto contra a desumanização. Criou-se o grupo de reflexão sobre os espaços e as necessidades emergentes das subunidades. Pretende-se reorganizar ambientes de trabalho, melhorar condições e fortalecer o sentimento de pertença à Casa ICS.



O terceiro pilar - Equilíbrio profissional e pessoal, saúde e bem-estar - é o recurso da humanidade e da escuta. Em setembro, o conselho científico do ICS aprovou a Comissão para a Elaboração da Estratégia de Desenvolvimento de Recursos Humanos Docentes e Investigadores. Também, iniciamos um processo de auscultação interna com o propósito de o ICS ser um espaço onde o trabalho académico é compatível com o equilíbrio e a dignidade de cada um. Mas estamos convictos de que este pilar, transversal, convoca-nos diariamente para um exercício de empatia e resiliência contínua.

Nestes meses, percebemos que a esperança é também prática institucional, compromisso e desempenho quotidiano para a Missão ICS nas suas diversas dimensões que a definem por excelência, ao nível da oferta educativa – desde os excelentes resultados obtidos no concurso nacional para os cursos do ICS, a atratividade da oferta dos 2º e 3º Ciclos de estudo, até à diversidade da oferta dos cursos não conferentes de grau no quadro institucional da Aliança Pós-graduação e da UMinho mais Digital); **bem como dos projetos de investigação e interação com a comunidade.**

Na verdade, são os professores, os investigadores, os estudantes e pessoal técnico, administrativo e de gestão – que, juntos, configuram um verdadeiro ecossistema de esperança crítica.

- **Nos estudantes, a esperança surge como inquietação criadora.** O olhar crítico e as novas perguntas são, talvez, o mais poderoso antídoto contra a desumanização institucionalizada. As novas gerações trazem a força da pergunta. Por isso, questionem, sejam o **“laboratório da renovação da esperança”**, levando convosco este legado de pensamento crítico e humano para a vossas vidas profissionais/privadas futuras. Um bem-haja a vocês, estudantes, que são a razão da missão ICS-UMinho.
- **Nos professores e investigadores**, a esperança manifesta-se na procura do conhecimento e estratégias inovadoras para a sua transmissão, na recusa do conformismo e na responsabilidade ética do saber. Por isso, e na impossibilidade de vos nomear todos/todas, professores e investigadores, **não posso deixar de agradecer o vosso trabalho e dedicação.... Queria destacar aqui tanto os dois colegas e professores que se aposentaram este ano, e aos quais vamos prestar uma homenagem sentida, prof. Joaquim Costa e Paula Mascarenhas.** Ao mesmo tempo, é com entusiasmo que assinalamos a renovação da nossa casa, através da **contratação de docentes e investigadores e do técnico superior. Um bem-haja a todos os que contribuíram/em para a missão ICS-UMinho.**



- **No grupo pessoal técnico, administrativo e de gestão encontramos a resiliência contínua, quotidiana e, muitas vezes, “invisível”, mas que sustenta a comunidade.** A atenção às relações humanas, a ética ao serviço público e a competência alimentam as vossas práticas! Sem esse tecido de solidariedade concreta, um espaço de convivência e de humanidade partilhada, não estaríamos na “Casa ICS”. Permitam-me, pois, **agradecer a todos/as os técnicos que asseguram as funções nos nossos 4 centros de investigação avaliados com Excelente** - CECS, Lab2PT, CICS-UMinho e CRIA; e os/as técnicos/as que apoiam na gestão diária no secretariado, seja no pedagógico (1º, 2º e 3º ciclos), seja na interação com as direções dos 4 departamentos (DCC, História; Geografia e Sociologia), seja, ainda, os/as que apoiam à presidência do ICS. A todos, um agradecimento de profundo reconhecimento pela vossa dedicação e constante vigilância pelo bem comum da casa ICS.

- **Por fim, gostaria de partilhar a profunda gratidão que sinto por ter comigo, os prof^a João Sarmento, Rita Ribeiro e Sara Balonas.** É verdade que são apenas seis meses de partilha, mas tenho já firme a convicção de que estou rodeada de uma equipa que são recursos de esperança diários que se manifestam na vossa verdade, amizade, compromisso e competência.

Quando iniciámos este percurso, **sabíamos que o tempo exigia mais do que gestão: exigia reconstruir sentido.** O ICS tem, nesse cenário, uma responsabilidade singular: ser um espaço de **re-humanização. De dentro para fora.**

Cada ação, cada projeto, cada decisão tem de ser norteadas pela esperança - um gesto que resiste à desagregação e que reafirma o valor do conhecimento como serviço público e bem comum.

Reafirmemos, portanto, a vocação humanista das ciências sociais: compreender para libertar, criticar para transformar, e pensar para manter viva a promessa de um mundo onde o humano – sempre - seja possível.

Muito obrigada! Ana Paula Marques

Presidente do Instituto de Ciências Sociais



Referências bibliográficas:

- Arendt, H. (1963). *Eichmann in Jerusalem: A report on the banality of evil*. New York: Viking Press.
- Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Bloch, E. (1954–1959). *Das Prinzip Hoffnung* [O princípio esperança]. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Butler, J. (2009). *Frames of war: When is life grievable?* London: Verso.
- Han, B.-C. (2010). *Müdigkeitsgesellschaft* [A sociedade do cansaço]. Berlin: Matthes & Seitz.
- Mbembe, A. (2003). *Necropolitics*. *Public Culture*, 15(1), 11–40.
- Mbembe, A. (2020). *Brutalisme*. Paris : La Découverte.
- Williams, R. (2015). *Recursos da esperança. Cultura, democracia, socialismo*. SP: Editora UNESP.